

## **Frieda Wolff: uma história de vida<sup>1</sup>**

Sofia Débora Levy\* entrevista Frieda Wolff\*\*

Frieda Palidowa Wolff (Z'L) nasceu em Berlim no dia 30 de outubro de 1911, onde viveu, estudou e se casou com Egon Wolff (Z'L), com quem compartilhou sua vida e seu trabalho. Com o advento do Nazismo, o casal deixou a Alemanha em 1935, vindo a se estabelecer no Brasil em 1936, primeiramente em São Paulo e, alguns anos depois, transferiram-se em definitivo para o Rio de Janeiro. O casal dedicou a vida às pesquisas acerca da historiografia judaico-brasileira, desde o descobrimento até os dias que testemunharam como ativistas dessa mesma comunidade judaico-brasileira que pormenorizavam - baseando-se em fontes primárias -, constituindo um imenso legado para futuros historiadores e investigadores da cultura e da história judaica em nosso país. Por essa dedicação, Frieda e Egon Wolff receberam menção honrosa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual eram sócios titulares e reconhecidos como Pesquisadores de Notório Saber.

Atualmente, a Sociedade Amigos do Memorial Judaico de Vassouras, no Rio de Janeiro, procura manter vivo o trabalho de Egon e Frieda Wolff, promovendo atividades culturais junto às comunidades judaica e brasileira e, em especial, divulgando o Memorial Judaico de Vassouras, situado em uma pequena cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, que guarda vestígios da presença judaica na região no século XIX a partir de duas lápides judaicas ali encontradas e cuidadas por iniciativa de Egon e Frieda, a partir da preocupação de Luiz Benyosef, atual Presidente do 'Memorial', carinhosamente referido por Frieda como seu filho.

Nesta entrevista, vislumbramos as vidas de Frieda e Egon Wolff (Z'L) na Alemanha e no Brasil.

**Sofia Débora Levy:** Poderia nos contar acerca de suas lembranças juvenis, sob o clima social da República de Weimar?

**Frieda Wolff:** Eu não ligava muito para política nesse tempo. Eu estava interessada em cultura. E no tempo da República de Weimar, especialmente para mim, na idade em que estava, o clima cultural era maravilhoso. Berlim era o centro de tudo: teatro, ópera, concertos... Eu tinha uma assinatura para o teatro junto com uma prima e freqüentava os espetáculos. Isso antes de eu conhecer o Egon. Quando eu o conheci, o primeiro presente que ele me deu foi uma assinatura conjunta com ele para o teatro, e lá fomos nós. Ele não gostava muito de óperas - de música sim. E nós íamos a operetas e concertos...

**SDL:** Você ingressou na Universidade de Berlim em 1930. Você já sentira alguma restrição aos judeus, até essa época?

**FW:** Não, nunca tinha havido restrição. As restrições só começaram com Hitler. Nós tínhamos todos os direitos dos outros. Já havia sim anti-semitismo, sem dúvida. Eu, pessoalmente, tive sorte com meus colegas de colégio. Porque nos últimos dois anos nesse colégio, eu era a única judia na turma. Mas eu não posso me queixar. Ninguém nunca mencionou nada quanto à minha condição de judia. No entanto, eu me lembro de uma professora de História... Não me lembro exatamente do que se tratava, mas numa ocasião em que eu fui a única aluna que sabia a resposta, esta professora - que não era nazista, mas nacionalista - disse: "Vocês estão vendo? Justamente a Frieda tem que saber a resposta!". E o tema versava sobre História Alemã. Quer dizer, havia um ligeiro anti-semitismo. Fora disso, eu nunca reparei em coisa alguma. Minha irmã se queixava. No mesmo colégio, três anos mais jovem do que eu, ela teve uma experiência com uma colega de classe que, numa ocasião, disse a ela: "Um belo dia vamos pegar vocês!" e minha irmã voltou chorando para casa. Tipicamente nazista, já naquele tempo...

**SDL:** Como você e Egon se conheceram?

**FW:** Na Universidade de Berlim, houve uma reunião de início de semestre, e a minha Fraternidade Universitária havia convidado, entre outras, a Fraternidade do Egon para ser representada. Cada

Fraternidade era representada por três alunos, e Egon era o mais baixo dos três. Ele ficava no meio, pois era o orador e deveria fazer uma saudação. Eu, como Presidente da minha Fraternidade, também tinha de falar. Ele estava sentado bem perto de mim. E a conferência daquela noite era muito chata... Ele começou a trocar olhares comigo o tempo todo - que era muito mais interessante - mas não podíamos falar, pois era contra as regras. E ao sair, Egon virou a cabeça para me olhar - o que também era proibido, pelo protocolo da cerimônia... Ele deve ter conseguido meu telefone com algum conhecido pois, no dia seguinte, me telefonou perguntando se ele poderia, ocasionalmente, me convidar para a Fraternidade dele. Eu respondi: "Pois não, com muito prazer". E ele disse: "Ah, mas a próxima festa vai demorar muito tempo ainda. Será que nós não poderíamos nos encontrar no fim-de-semana?". E eu disse: "Sim, com muito prazer". E assim começou uma amizade, um namoro, noivado, e o casamento de 1931 a 1991. Sessenta anos de convivência... E como nós convivemos, do início até o fim...

**SDL:** No período universitário, você e Egon eram filiados a algum partido político?

**FW:** Nós sempre fomos completamente apolíticos. Não gostamos de política e sempre tentamos evitar. E quanto à nossa convivência com a política judaica, por assim dizer, também éramos completamente desinteressados, não sendo sionistas, nem contra o sionismo. Mais tarde, muito pelo contrário, nos tornamos muito a favor do Estado de Israel - mas tentando permanecer apolíticos, partidariamente falando.

**SDL:** A partir de quando você começou a se sentir alijada socialmente por ser judia?

**FW:** Desde a ascensão de Hitler, em 1933, Egon estava resolvido a sair do país porque ele tinha toda a certeza de que a vida dos judeus havia acabado ali - e naturalmente ele me influenciou por completo. Naquele tempo essa era uma opinião muito rara ainda porque muita gente pensava: "Deixa ele trabalhar e se desgastar e dentro de 3, 4, 5 meses no máximo, ele não mais estará no poder". Bem, esse pessoal se enganou muito, não é? E nós nunca tivemos essa opinião acerca de Hitler. Ao contrário, tomamos tudo isso muito a sério, tanto que Egon, insistindo, saiu em agosto de 1933 para tentar a vida em Paris. Se isso não deu certo, não foi culpa dele, mas sim por culpa das circunstâncias, porque Paris estava cheia de estudantes comunistas, e nós tínhamos muitos amigos por lá; mas era impossível viver sem licença para trabalhar. Lá ouvimos falar, pela primeira vez, sobre o Brasil, e resolvemos vir para cá. Nós poderíamos ter ido para os Estados Unidos, porque parte da família do Egon - os irmãos e uma irmã por parte de pai - emigraram por volta de 1880 para lá, provavelmente por razões econômicas, e se fixaram no Texas. Mas Egon não quis, e ele dizia: "Os Estados Unidos vão entrar na guerra, que naturalmente vai haver, e eu não quero tomar parte numa guerra". E eu dizia: "Eu também não nasci para ser viúva de um herói de guerra, então eu também não quero". De modo que ficamos com a idéia de vir para o Brasil, e já aproveitamos os dois anos em que ainda ficamos na Alemanha para aprender Português. Chegamos no Brasil no início de 1936 com a gramática perfeita!...

**SDL:** Frieda, seu pai era um germanófilo; e Egon um antevisor do nazismo. Havia um conflito familiar?

**FW:** Não, de modo algum. Creio que, naquela época, meu pai também já tinha visto que não estava com a razão. Acho que ele sofreu quando sua naturalidade lhe foi tirada. E ele reconhecia que Egon estava certo. Ele queria vir para o Brasil também. Meus pais haviam sofrido muito durante o período da inflação, e tiveram que lutar muito pela vida. E eles de fato se sacrificaram. Queriam que, primeiro, nós nos estabelecêssemos no Brasil, e depois eles viriam também. Só que eles esperaram um pouquinho demais, porque aqui, durante alguns anos, se tornou impossível imigrar. Nós conseguimos chamar a minha irmã imediatamente. Havíamos chegado no início de fevereiro de 1936, e ela chegou em dezembro desse mesmo ano. Pudemos chamá-la porque, mesmo tendo chegado como turistas, Egon insistiu para que nos legalizássemos dentro do prazo de 90 dias. E foi o que fizemos em São Paulo, onde nós morávamos. Com isso, nós podíamos fazer uma chamada para a minha irmã - mas

não para o noivo dela, só se fosse seu marido. De modo que eles se casaram e vieram praticamente em lua-de-mel para o Brasil.

**SDL:** Voltando à Alemanha, qual a data de seu casamento com Egon?

**FW:** 21 de dezembro de 1934. Tinha de ser um dia 21, porque nós nos conhecemos num dia 21, só que 21 de abril.

**SDL:** Vocês se casaram no civil e no religioso?

**FW:** Sim, no civil, como tinha de ser, e na casa do meu rabino, Rabino Weil, com a presença apenas dos meus pais, dos pais e irmãos do Egon, e minha irmã. Mas depois houve uma pequena festa na casa dos meus pais. Em 1934 ainda era permitido o registro de casamento entre judeus. A situação realmente bruta veio somente após a nossa saída; nós escapamos de tudo isso.

**SDL:** Como vocês conseguiram sair da Alemanha?

**FW:** Nós nos arriscamos muito para conseguir um passaporte. Uma vez praticamente fugimos da *Gestapo*. Nós tínhamos conseguido, ilegalmente, um atestado dizendo que até então nós havíamos morado numa antiga cidade onde Egon viveu quando adolescente, na Westfalia. Lá, ainda havia um amigo na Polícia, que nos deu esse atestado ilegal - pois na Alemanha era necessário ter um atestado de mudança da residência anterior. No dia seguinte, nós fomos até a Polícia e pedimos um passaporte. Havia um torneio de futebol em Londres e nós dissemos que queríamos assistir a esse torneio. Tudo bem: a Polícia nos ouviu muito atentamente, pois, naturalmente, nós entramos fazendo a saudação de "Heil, Hitler!" - já que iríamos pedir alguma coisa - e o policial nos deu uma carta para nós levarmos para um outro prédio que ficava em frente à Polícia, e voltar com a resposta. Nós estávamos desconfiados. Saímos daquela sala onde estávamos, e entramos numa cabine de telefone no corredor. Abrimos a carta e vimos que estava endereçada à *Gestapo*, dizendo que Egon e Frieda Wolff alegaram que queriam ir para Londres para assistir a um torneio de futebol, e perguntando se havia algo contra os dois. Bem, como Egon estava cadastrado na *Gestapo*, ainda que negativamente, nós pegamos a carta e saímos correndo para a pensão onde havíamos pernoitado, pegamos as nossas coisas, e voltamos para Berlim, onde nos registramos sob um outro nome num hotel - pois não podíamos mais ficar no nosso apartamento porque não sabíamos se eles iriam nos procurar. Uns 3 ou 5 dias depois, não me lembro bem, estávamos num trem rumo ao sudoeste da Alemanha. Meus pais se encarregaram de esvaziar o nosso apartamento e fechá-lo, e nós fomos para as montanhas gigantes que faziam fronteira com a Tchecoslováquia. Nós tínhamos sempre de passar pela Polícia de Imigração, provar que nós tínhamos uma identificação - que nós recebemos pelo correio, uma espécie de carteira de identidade pequena - e de lá nós poderíamos chegar em Praga. E foi isso que nós fizemos, cruzando a montanha a pé em novembro de 1935. Nós subimos a montanha e chegamos até o cimo, onde passamos a fronteira. Do outro lado havia um restaurante - isso era usual e esses restaurantes que ficavam em cima de uma montanha recebiam a denominação de *Bauden*. Nós atravessamos com 10 marcos no bolso de cada um, porque não podíamos levar mais. Havíamos deixado as nossas coisas no Hotel aonde tínhamos pernoitado, bem como algum dinheiro, para que o senhor de lá não pensasse: "Ah, esses judeus me enganaram e ainda fugiram sem pagar" - isso ele não poderia dizer... No restaurante, nos perguntaram logo se nós queríamos voltar. Nós dissemos que não, e eles estavam acostumados a ouvir isso. Havia começado a nevar e eles então nos propuseram, gratuitamente, emprestar um trenó, e a companhia de um rapaz que conhecia o caminho para nos deixar do outro lado, na Tchecoslováquia. Lá, nós levamos ainda um grande susto, porque tínhamos que pegar um ônibus ainda para a próxima cidade, até o final da estrada de ferro. E enquanto esperávamos um ônibus, veio um carro particular e o motorista perguntando - em alemão, já que todas as pessoas ali falavam alemão - idioma de todas as pessoas dali de *Sudetdeutsche* - se nós queríamos ir até uma certa cidade chamada Hain. Muito ingenuamente, nós dissemos que sim, e ele nos deu uma carona, gratuitamente. Quando nós estávamos andando, nós vimos que o Rio Elba estava nos acompanhando e pensamos que estávamos voltando para a Alemanha! Estávamos preocupados porque já havia tido seqüestros -

mas de gente famosa, coisa que nós não éramos. Mas não aconteceu nada disso e o rapaz nos deixou muito bem na próxima cidade, onde nós encontramos dinheiro para nós no correio, enviado pelos dois irmãos do Egon que estavam em Praga e já tinham passaporte. Chegamos em Praga, e eles já haviam falado com o comitê de ajuda. Nós teríamos que ser refugiados políticos para ganhar um passaporte. Tivemos que esperar um pouco, fizemos um donativo, e então ganhamos passaportes tchecos. O item "nacionalidade" ficou em aberto, e nos disseram que nós não receberíamos nacionalidade tcheca. Embrulhamos esses passaportes, mandamos para a Alemanha, para o escritório de viagem francês da linha "Charger Reunit" que, naquele tempo, levava todos os emigrantes para o Brasil. Eles haviam prometido que, no momento em que nós tivéssemos um passaporte, eles arranjariam os vistos de turistas para o Brasil, e nós já havíamos pago a nossa passagem. Era possível viajar de primeira ou segunda classe para turistas. Mais tarde só se tornou possível viajar de primeira classe, mas nós ainda escapamos pela segunda. Só que Egon e eu ganhamos uma cabine de primeira classe depois de Lisboa porque estava muito calor e nossa cabine ficava justamente no meio e não dava para agüentar... Mas isso é outra história. Depois de ganharmos o passaporte, eu, Egon e meus dois cunhados - que também iriam para o Brasil - pegamos o trem em Praga, via Suíça, entrando pelo sul da França até Paris. Chegamos em Paris na manhã do dia 31 de dezembro de 1935. Um dia que eu não vou esquecer porque o filho da minha amiga já tinha três anos e nós prometemos a ele que o levaríamos de tarde para os magazines. Em Paris, todos os grandes magazines tinham no telhado um *play-ground* para crianças, e ele adorava! E nós tivemos que visitar não sei quantos magazines com ele, e chegamos de noite tão cansados no hotel onde estávamos hospedados, que não quisemos nem saber de nenhuma comemoração da passagem de ano de 1935 para 1936... Esperamos a data do nosso navio chegar em Le Havre. Meu sogro, Michel, também estava lá em Paris - ele era o homem que não falava, porque ele não sabia Francês. Ele estava esperando lá porque ele também queria vir. A família do meu marido, quer dizer, seu pai e seus dois irmãos vieram conosco. Estávamos juntos no navio, mas tínhamos amigos diferentes.

**SDL:** Vocês mantiveram correspondência com seus pais na Alemanha?

**FW:** Sim. Mas a correspondência era censurada na Alemanha e as correspondências daqui do Brasil também eram censuradas lá. Nós nos correspondíamos - eu tenho as cartas - até o início da guerra, quando então não foi mais possível. Durante a guerra, nós estávamos esperando o tempo todo o dia em que nós iríamos nos rever... Só depois da guerra nós soubemos do Holocausto. Eu nunca soube quando, nem para onde, eles foram deportados, nada.

**SDL:** Estando aqui no Brasil, você não tinha idéia da gravidade da situação dos judeus na Alemanha?

**FW:** Não, não tinha. Como os outros aqui também não tinham.

**SDL:** E o que noticiavam os jornais daqui?

**FW:** Sobre o Holocausto, se eu me lembro bem, só chegaram notícias depois da guerra. Durante a guerra, sabíamos que os judeus eram maltratados. Sabíamos sobre a Noite de Cristal, sobre maus-tratos, sobre campos de concentração... mas sobre a Solução Final não. Eu não me lembro de sabermos disso antes do fim da guerra.

**SDL:** Em relação a seus pais, quando você se deu conta de que talvez realmente não fosse mais possível voltar a vê-los?

**FW:** Logo depois do fim da guerra, em 1945, quando ouvimos que não restou ninguém. Isso foi duro, muito duro... Até então eu sempre sonhava com o dia em que eu iria a Santos para recebê-los. Custou para me desacostumar com a idéia...

**SDL:** Aonde você e Egon se estabeleceram ao chegar em São Paulo?

**FW:** Nós tivemos muita sorte. Subindo de Santos para São Paulo, nós acabamos no Largo Paissandú. Estávamos com fome e entramos num restaurante - já era noite porque o despacho tinha demorado

muito tempo e as nossas malas ainda estavam em Santos. Nos debatendo com o menu no restaurante - pois a gramática nós dominávamos, mas compreender a língua era muito difícil - subitamente ouvimos o garçon falar em alemão, e perguntamos aonde havia um hotel para nós pernoitarmos. Ele nos disse que havia um em cima do restaurante - eu não me lembro do nome do hotel. Compramos um jornal para ver anúncios de pensão e achamos uma que nos parecia muito boa. Nós tínhamos três refeições por dia, inclusive aos domingos - o que não era usual - mas recebíamos aos domingos um jantar frio, ao contrário dos outros dias quando o almoço e o jantar era composto de comidas quentes. A pensão tinha um bonito jardim e pertencia a austríacos. O pessoal que morava lá era mais ou menos simpático. Quando nós chegamos, era época de carnaval, mas quinze dias depois eu já tinha o meu primeiro emprego. Quinze dias depois, Egon teve seu primeiro emprego. O meu primeiro emprego foi num escritório de um representante de várias firmas em que eu fazia um pouco de tudo, como uma *office-girl*. Mas um mês depois eu troquei de emprego. Eu já entendia um pouquinho mais o português, também ganhei um pouquinho mais e fui ser ajudante numa outra firma. Egon era tradutor de português-alemão e alemão-português numa firma representante de firmas tchecas e austríacas. Um ano depois, percebemos que, como empregados, nós não iríamos muito longe. Começamos a tentar pegar algumas representações, pois nós estávamos trabalhando nesse ramo. Dentre as representações veio uma de ótica. Ficamos nesse ramo de ótica durante toda a nossa vida comercial.

**SDL:** Por que vocês se transferiram de São Paulo para o Rio de Janeiro?

**FW:** Logo depois da guerra, começamos a viajar, porque nós tínhamos boas relações nos Estados Unidos, principalmente, e algumas na Inglaterra e na França. Egon era da opinião de que, comprando pessoalmente, nós teríamos melhores preços e poderíamos, conseqüentemente, vender mais barato aqui e novamente vencer a concorrência. Ele detestava o comércio, nunca gostou, mas era um gênio. Só previa o que era bom para o negócio. Nós já estávamos, logo depois da guerra, trabalhando com o Brasil inteiro. Logo quando nós voltamos da primeira viagem, uma ausência de três meses só nos Estados Unidos, chegando aqui em São Paulo no início de 1947, Egon pensou que talvez a vida no Rio de Janeiro pudesse ser melhor. Nós tínhamos uma filial no Rio de Janeiro e, em 1948, resolvemos nos mudar para cá, depois da segunda viagem ao exterior. A filial virou matriz e São Paulo ficou com uma filial - e nós nos mudamos com três cachorros. A única condição que eu impus foi de que fôssemos morar numa casa - e não num apartamento - e nós tivemos que procurar uma casa aqui. Em São Paulo, nós estávamos acostumados a viver em casa, pois eu tinha três cachorros e eles precisavam de uma casa com jardim, senão o que eu iria fazer com eles?

**SDL:** Como começou a iniciativa do trabalho de pesquisa de vocês?

**FW:** Começou por causa da Policlínica Israelita, por volta de 1963, 1964. Nós éramos uma diretoria composta por mais de vinte diretores. Éramos muito amigos de todos. Estávamos trabalhando para uma sociedade beneficente no Rio de Janeiro, e tanto eu como Egon, desde jovens, tínhamos muito interesse por História. Começamos a perguntar quem havia fundado a Policlínica?; Desde quando havia judeus no Brasil?... Bem, quem havia fundado a Policlínica eles sabiam exatamente: quando a pessoa era jovem, havia sido o avô a fundar; quando a pessoa já tinha idade, havia sido o pai o fundador de tudo... Diante disso, começamos a ler muito, desde o Brasil-Colônia até o Marquês de Pombal. E aí acabavam as informações porque o Marquês de Pombal interditará o mencionar diferenças entre cristãos-novos e cristãos-velhos e, com isso, como escreveu Wiznitzer,<sup>1</sup> na última página do seu livro "Os Judeus no Brasil Colonial", secaram as fontes. Do século XIX não se sabe nada. Isso nos intrigou, e resolvemos fazer nossa própria pesquisa.

**SDL:** Vocês tiveram algum apoio financeiro?

**FW:** Não, nunca. Por isso eu tenho tão pouco dinheiro!... Porque nós pagamos tudo. Qualquer viagem que nós tenhamos feito para a pesquisa, fora uma despesa nossa. Apenas nunca pagamos pela publicação de nossos livros porque éramos da opinião, desde o início, quando praticamente nos

forçamos a escrever o primeiro livro, de que se nós tivéssemos que pagar a publicação, então era porque o livro não prestava. Ponto final. Nós queríamos satisfazer a nossa curiosidade, e isso era, para nós, motivo bastante para começar. Começamos a ler na Biblioteca Nacional, na seção de livros raros. Em 1969, vendemos a nossa parte da firma e nos retiramos. Começamos a trabalhar na pesquisa *full-time*. E aprendemos que havia muitas outras fontes: Arquivo Nacional, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, outras bibliotecas, o Gabinete Real Português; em São Paulo, a Junta Comercial, e muitas outras. E desde o início nós trabalhamos nos cemitérios, fazendo pesquisa de campo, o que nos ajudou muito.

**SDL:** Esse tipo de pesquisa longitudinal como vocês fizeram sobre a História dos Judeus no Brasil é única aqui?

**FW:** Como nós fizemos, é a única. No entanto, muitos dos novos que se dizem historiadores nem conhecem a nossa obra. É incrível! Talvez esses assim chamados pesquisadores e historiadores nem conheçam o que aconteceu no século passado sobre o assunto que escrevem... É triste isso. Mas, felizmente, ainda há bastante gente que sabe. Nossos livros sempre foram distribuídos para todas as universidades, para todas as bibliotecas, para todos os Institutos Históricos - não somente no Brasil como também no exterior. Eles foram escritos com a idéia de servirem de fonte para futuros historiadores e sociólogos, que deveriam usar as fontes que nós tínhamos descoberto e descrito, para estudos aprofundados. Nós mesmos não nos achávamos no direito de ir além, pela nossa falta de formação acadêmica.

**SDL:** O Memorial Judaico de Vassouras é o trabalho ao qual você vem se dedicando em termos de continuidade da pesquisa de vocês?

**FW:** Sim. É uma obra que Egon teria feito se ele estivesse vivo, e que eu fiz porque eu continuo o que eu prometi a Egon.

**SDL:** Qual a importância da História e qual a mensagem final que você deixa para as pessoas se voltarem para a história pessoal e para a história formal?

**FW:** Eu acho que é importante lembrar das coisas. Lembrar dos acontecimentos, lembrar das pessoas. Em todos os sentidos, é bom lembrar que houve gente antes de nós.

-----

\* **Sofia Débora Levy** é Psicóloga Clínica, Mestre em Psicologia/UFRJ, Doutoranda do HCTE/COPPE/UFRJ e colaboradora do Memorial Judaico de Vassouras, Rio de Janeiro.

\*\* **Frieda Wolff (Z'L)** nasceu em Berlim no dia 30 de outubro de 1911, onde viveu, estudou e se casou com Egon Wolff (Z'L), com quem compartilhou sua vida e seu trabalho. Com o advento do Nazismo, o casal deixou a Alemanha em 1935, vindo se estabelecer no Brasil em 1936.

## Notas

<sup>1</sup> Entrevista gravada em áudio-cassete em 4 e 5 de junho de 1997 – nos moldes da técnica de História de Vida – realizada e transcrita por Sofia Débora Levy e parcialmente revisada junto a Frieda Wolff em 2007, tendo sido interrompida em virtude do agravamento de seu estado de saúde. Frieda Wolff veio a falecer em 2008.

2 WIZNITZER, A. *Os Judeus no Brasil Colonial*. São Paulo: Pioneira-Edusp, 1966.